

IDENTIDADES HÍBRIDAS: O LUGAR DAS PERSONAGENS FICCIONAIS EM CORONEL DE BARRANCO

HIBRID IDENTITIES – THE FICTIONAL PERSONAGES PLACE IN CORONEL DE BARRANCO

Francielle Maria Modesto Mendes¹

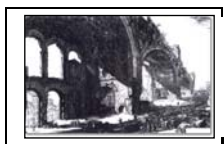
RESUMO: O presente artigo é um recorte do projeto *Identidades híbridas: o lugar das personagens ficcionais em Coronel de Barranco* que tem como corpus a obra *Coronel de Barranco*, do autor brasileiro Cláudio de Araújo Lima. As personagens são híbridas e habitam o entrelugar, as frestas; originam-se de lugares diversos, são indivíduos de natureza diferente. Em *Coronel de Barranco* são exemplos de relação intercultural que fazem pensar sobre a pluralidade existente em cada sujeito, sendo possível dialogar sobre a complexidade destas relações. A pesquisa representa uma inovação para os estudos sobre personagens ficcionais, uma vez que as obras serão analisadas a partir dos estudos culturais. Através desse olhar vê-se o quanto as velhas e estabilizadas identidades estão em declínio, fazendo surgir as novas identidades fragmentadas e não unificadas, vistas como parte de um processo amplo de mudança que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades.

PALAVRAS-CHAVES: Hibridismo, Estudos Culturais, Literatura.

ABSTRACT: The present article is a clipping of the project *Hybrid Identities: the place of the fictionists characters in Coronel de Barranco* that has as a corpus the book *Coronel de Barranco* of the Brazilian author Cláudio de Araújo Lima. The characters are hybrid live in the place, in the openings; they originate from many places and are different nature individuals. In *Coronel de Barranco* examples of intercultural relation that make to think about the plurality existence in each citizen, being possible to dialogue about the complexity of these relations. The research represents an innovation for the studies on fictionists, a time that the books will be analyzed from the cultural studies on. Through this look it is possible to see how the old and stabilized identities are in decline, making to appear the new fragmented and not unified identities that have been seeing as a part of an ample changing process that is dislocating the structures and central processes of the societies.

KEY-WORDS: hybridism, Cultural Studies, Literature.

¹Mestranda em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre – UFAC
franciellemodesto@gmail.com



Introdução

A Amazônia sempre foi um ambiente onde os acontecimentos fascinam e desafiam o ser humano. Local de mistérios e diversidades. Um palco verde onde nasce uma literatura plural e enriquecedora. Diante de vasta contribuição, interessa-se aqui pela investigação e observação da obra *Coronel de Barranco*, de Cláudio de Araújo Lima e de suas personagens ficcionais à luz dos Estudos Culturais.

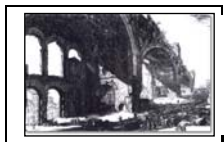
O nome do livro *Coronel de Barranco* designa um homem que manda no seringal amazônico, dá as ordens, dita as regras e delega funções em meio à floresta. Em 23 capítulos, “as águas do rio da memória, tão caudalosos quanto as águas dos rios amazônicos²” (2002, p.8), se confundem a vida e a história de homens que lutam para sobreviver no meio da floresta, cercado de dificuldades.

A obra *Coronel de Barranco* é narrada no espaço de 50 anos (1876 a 1926) por Matias Cavalcanti de Lima e Albuquerque. Matias é homem culto, viajado e cosmopolita. Foi interno no Colégio Anacléto, em Belém. Lá aprendera a falar inglês e francês, estudara Literatura, mas seu sonho maior era mesmo ser escritor. Porém, Matias não esperava muito de seu futuro no meio da floresta. “(...) pouquíssimo poderia esperar que a vida lhe desse, se se resignasse a permanecer naquele fim de mundo” (LIMA, 2002, p.66). A personagem de Matias Albuquerque, no dizer de Abdala Benjamin Junior, é aquele que se aparta da “sociedade e da civilização de que, em tese, é representante” (2004, p.75).

O percurso de Joca e Inácio na narrativa amazônica

O romance fala sobre a saída das sementes de *Hevea Brasiliensis* do Brasil e do auge do ciclo econômico da borracha, final do século XIX e início do século XX, primeiro na Amazônia, depois na Europa e na Ásia. Em meio a tudo isso, o caboclo aparece como pano de fundo e o nordestino, como o grande explorado e preguiçoso. Caboclos e nordestinos dividem o mesmo espaço que sofre forte influência européia. A obra apresenta personagens híbridas que habitam o entrelugar, as frestas; os indivíduos são de natureza diferente, entre outras coisas, porque se originam de vários lugares.

² Extraído da Apresentação do Livro *Coronel de Barranco* (2002) elaborada por José Almerindo Rosa, professor de Língua Portuguesa e Literatura do Colégio Militar de Manaus.



As personagens em foco, nesse estudo, são o migrante nordestino Joca e o caboclo Inácio. Migrar é, em última instância, dizer não à situação em que se vive. É pegar o destino com as próprias mãos, resgatar sonhos e esperanças de vida melhor ou mesmo diferente. O problema está no fato de retirar do migrante a sua condição de sujeito, como se migrar não fosse uma escolha, como se ele não tivesse vontade própria. Migrar pode ser entendido como estratégia não só para minimizar as penúrias do cotidiano, mas também para buscar um lugar social onde se possa driblar a exclusão pretendida pelas elites brasileiras através de seus projetos “modernizantes”. Essa é mais uma forma de resistência, não só a exploração e dominação existentes no local de origem, mas também uma forma de exercer o desejo de mudar, de não se conformar.

Será feita uma breve retrospectiva sócio-cultural acerca da personagem Joca no romance brasileiro em análise. No começo do século XIX tem início a migração nordestina para a Amazônia, que serviria como mão de obra para a extração do látex. Para Homi Bhabha (1998), os hibridismos culturais acontecem exatamente em momentos como este, de transformação histórica. Percebe-se na narrativa que os homens traziam consigo o sonho do Eldorado em suas mentes e dentre eles estava José Maria Silvino – o Joca que saiu de um lugar árido, marcado pela seca, falta de trabalho e a conseqüente escassez de alimentos para um território desconhecido, hostil, isolado – de águas profundas e misteriosas. Esse deslocamento é brutal e marca definitivamente sua identidade, chegando de fato a promover uma cisão, uma fratura em relação aos valores sócio-culturais já internalizados. “__ A gente sai do Ceará por causa da seca e vem pegar pelas trombas um aguaceiro desses. E uma desgraça mesmo a vida da gente”. (LIMA, 2002, p. 207)

Joca é analfabeto, “brabo”, que vem do Nordeste para a Amazônia na esperança de uma melhor condição de vida, para então retornar ao Ceará. Ao chegar ao seringal descobre que a vida será mais difícil do que ele imaginava. É o que se observa na seguinte passagem: “A gente está pensando que é melhor morrer na seca do Ceará, do que ficar nessa porqueira”. (2002, p.183). Cabe ao cearense criar estratégias de organização de trabalho e de sobrevivência na mata. Foi preciso muito esforço para superar o frio, a solidão, as doenças e todos os desafios da floresta.

Os sete dias de friagem perturbaram profundamente a vida no seringal. Inúmeros seringueiros haviam adormecido, com resfriados de maior ou menor gravidade.



A produção praticamente paralisava. Inclusive porque muitos homens tiveram suas barracas arrasadas pelo vendaval e a chuva torrencial. (LIMA, 2002, p.210)

— A água não é nada. Podia até vir o dilúvio, que eu nem ligava. A desgraça é não ter com quem falar. Tem vez que eu tenho até medo de ficar mouco de uma vez. (2002, p.224)

(...) eu tive muita febre esta semana inteira. (2002, p.230)

— A sezoão me pegou outra vez. (2002, p.231)

Nesse contexto, o nordestino é escravo, é o homem mercadoria, passível de negociação. Paradoxalmente, o processo capitalista que marca a modernidade na Amazônia, escraviza o homem, reiterando o dizer de Euclides da Cunha (1999), que afirma que o homem seringueiro trabalha para escravizar-se.

Entretanto, um olhar crítico facilmente subverte esta ordem. Mudemos a formulação desse esquema interpretativo, fugindo do velho esquema maniqueísta e observemos o quanto há de força, de determinação e astúcia em Joca. Cabe a ele desmontar-se para reconstruir-se não mais num “lugar fixo”, central, mas no entrelugar na fronteira de dois territórios diferenciados – o Nordeste como território estigmatizado pelo clima seco e a Amazônia – território marcado pelos rios caudalosos. Olhando por esse viés, Joca e seus companheiros resignificam sua vida e conseguem sobreviver enquanto o coronel Cipriano, por exemplo, no final do romance após matar Conchita – prostituta com quem tivera um “caso amoroso” – é visto descalço vendendo mercadorias de casa em casa, sucumbindo-se.

Em várias ocasiões, Joca afirma que sairá “desta porqueira [o seringal] nem que seja morto” (LIMA, 2002, p.187), passado algum tempo de muito trabalho e exploração, ele consegue deixar o seringal Fé em Deus, mas retorna e permanece lá até sua morte. Joca se sente desterrado, ele não pertence mais a lugar nenhum, vê-se perdido no mundo, longe de suas raízes, um ser desfragmentado em meio a um universo que não é mais o seu. Ao sair do seringal, age como rico, passeia entre as ruas de Manaus, o que demonstra suas estratégias de superação da fratura sofrida por sua identidade, ao deixar o Nordeste.

E cheguei a porta do Cassina, num último olhar sobre a bela Praça da República, esperando a carruagem que nos levaria. Quando ouvi pronunciar meu nome, quase cochichadamente.

— Seu Albuquerque.

Cheguei a pensar que ouvia errado.

— Não conhece mais os pobres?



Ali estava Joca, em fatiota branca, engravatado, anel no dedo e chapéu-do-chile.

— Você está que nem um dono de seringal. Quase que nem te reconhecia. Mas ainda por aqui? Meio ressabiado, começou a contar suas aventuras:

— Também andei de francesa, seu Albuquerque.

— Então já pode ser chamado de Coronel ... Coronel Joca.

(...)

— Será q vai se estabelecer?

— Não Senhor... Acabou o cobre... E eu vim falar com o senhor ... Eu queria voltar pro 'Fé em Deus'. (LIMA, 2002, p. 289-290)

Nas entrelinhas dessa história, percebe-se que a vida dos seringueiros, não era, entretanto, uma vida desgraçada, mas sim, marcada por luta e superação, marcas da vida “moderna”; sem a perda da identidade social. Aldrin Moura de Figueiredo afirma:

O certo é que não dá para acreditar que os seringueiros aceitaram passivamente a idéia de que eram escravos de um contrato firmado com os seringalistas – um contrato que impunha a disciplina e deixava aos trabalhadores unicamente o caminho da obediência e da resignação. (1997, p. 16)

Os nordestinos logo na chegada ao seringal Fé em Deus, comandado pelo coronel Cipriano, percebem as dificuldades que seriam encontradas nessa nova terra desconhecida e cheia de desafios. É preciso se readaptar a um novo estilo de vida, pois na Amazônia eram obrigados a aprender a caçar, pescar, atirar, entre outras coisas, antes desconhecidas e desnecessárias para a vida no sertão nordestino.

Entregaram-lhe a machadinha. O facão. E mais o resto do material básico: garfo, colher, caneca, prato, panelas. Afinal, um rifle com duzentas balas.

— Coronel, me desculpe, mas que é isso?

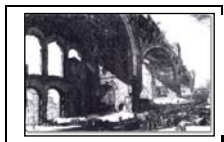
— Nunca viu? Ou será que está pensando que é um maracá?

— Queria só saber, me desculpe, para que tanta bala?

— Não é pra matar passarinho, não. Ou vai querer enfrentar onça e índio, só mostrando a mão, como padre pra espantar o demônio?

Joca ficou meio desajeitado e confessou:

— Coronel, é que eu nunca dei tiro, não. Não sei nem pegar em espingarda. (LIMA, 2002, p. 149)



Ao contrário de Joca, que é estrangeiro na Amazônia, Inácio é caboclo. Ele é fraterno, possui a capacidade de doar, enquanto o estrangeiro, a princípio, apenas possui o interesse de ganhar e acredita estar na Amazônia de passagem. Um soldado das hastes de Plácido de Castro, que aparecera no seringal, um ano após terminar a revolução, pedindo abrigo e trabalho, bastante deteriorado pelo álcool. (LIMA, 2002, p. 133)

O estrangeiro depende da orientação do autóctone para garantir sua sobrevivência. No caso, Inácio possui conhecimento de tudo que diz respeito a sua terra, conhece a gastronomia, o clima, os costumes, os hábitos. Recusa-se também a se adaptar ao novo estilo de vida imposto pelo período áureo da borracha.

Maneco e Inácio, nascidos e criados na região, garantiam que a grande enchente estava por pouco. (LIMA, 2002, p. 165)

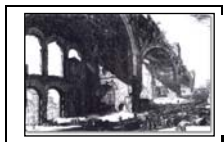
— Ah. Foi uma jabota que o Quinquim pegou aí no mato, ontem. Olhe só o tamanho dela. E foi preparada com todo capricho, jogando a bicha pro ar três vezes. Como o Inácio ensinou. (LIMA, 2002, p. 184)

(...) Vai ser uma maniçoba de arrebentar tripa, que eu também aprendi com o Inácio. (LIMA, 2002, p. 185)

Inácio, como nativo que é, aprendeu muito cedo a conviver com as dificuldades de seu ambiente e concebe seus problemas de modo diferente ao do estrangeiro. Inserido na floresta, ela lhe impõe algumas privações, mas proporciona também inúmeras vantagens. Trabalha, pesca e caça apenas para sua subsistência. Não acredita ser necessário tanto esforço e sofrimento para sobreviver. Porém, o seu modo de pensar e agir é interpretado pelos seringalistas como sendo preguiça ou falta de disposição para o trabalho.

O senhor vai aprender com o tempo, caboclo aqui do Amazonas não tem tutano para enfiar a cara na mata. Só quer viver em beira de lago e de rio, pescando. Coisa de cabra preguiçoso. Só o senhor vendo, um peste desses é capaz de ficar uma porção de tempo parado que nem uma estátua, esperando a hora de sapecar o arpão em cima dum peixe-boi. Mas bota o safado pra cortar seringa. Pois sim. Isso é coisa pra cearense, cabra safado de ganância, mas bom na machadinha. (LIMA, 2002, p. 134)

Inácio interage com o rio que o cerca. Para o nortista, o rio que provoca a enchente e acarreta muitos infortúnios é também o elemento que lhe fornece a alimentação e o transporte. O homem da região aprende a amar sua terra e por isso percebe os aspectos



positivos e negativos de seu meio. Tomando como base o dizer de Leandro Tocantins: “Os rios são estrada obrigatória, entrada para a conquista do deserto verde”. (1982, p. 7)

O caboclo Inácio vive na imensidão e solidão da selva, totalmente esquecido do restante da nação. A cada dia um desafio pela sobrevivência, fugindo constantemente da fome e das doenças, mas não do seu lugar, pois nele há a esperança de uma vida melhor.

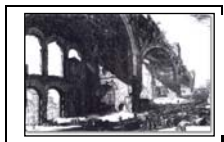
Os seringueiros sofriam com os resfriados e com todas as doenças provenientes da vida na floresta. Para combatê-las precisavam da ajuda dos autóctones que os ensinavam a usar remédios extraídos da mata. Eles eram atacados pelas doenças, principalmente, a sezão, entre outros motivos, pela má alimentação. Isso faz com que percam a imunidade, tornando-se frágeis a aquisição de doenças. As doenças só são erradicadas quando os seringueiros passam a se alimentar melhor devido à queda da borracha e a não mais necessidade de comprar os produtos no barracão. É o que observa o narrador Matias no trecho a seguir.

Algo ainda, que só muito mais tarde eu viria a compreender, lendo comentários de uma revista francesa sobre a importância das vitaminas na alimentação, que se revolucionara naqueles confins. Desde que os seringueiros receberam permissão para plantar suas roças, para comer carne fresca de peixe ou de caça, o que lhes fora sempre vedado, pela obrigação de se alimentarem, exclusivamente, de conservas compradas no armazém do seringal.

E com isso, em breve prazo, a total liquidação do flagelo que antes representava por lá a beribéri, causa aniquiladora de tantas vidas no tempo da grandeza. (LIMA, 2002, p. 352)

O estrangeiro depende da orientação do autóctone para garantir sua sobrevivência. Segundo Jorge Larrosa, “estrangeiros são seres obscuros e sempre enigmáticos que não podemos ignorar tão facilmente e cuja presença provoca reações, às vezes, contraditórias e inquietantes”. (2002, p.70). Mas ele diz ainda que “não podemos nos assustar ao encontrar com o estrangeiro, pois nós também somos estrangeiros”. (idem, p.69). No caso, Inácio possui conhecimento de tudo que diz respeito a sua terra, conhece a gastronomia, o clima, os costumes, os hábitos. Mesmo assim, ainda se sente estrangeiro e recusa-se a se adaptar ao novo estilo de vida imposto pelo período áureo da borracha.

Maneco e Inácio, nascidos e criados na região, garantiam que a grande enchente estava por pouco. (LIMA, 2002, p. 165)



— Ah. Foi uma jabota que o Quinquim pegou aí no mato, ontem. Olhe só o tamanhão dela. E foi preparada com todo capricho, jogando a bicha pro ar três vezes. Como o Inácio ensinou. (LIMA, 2002, p. 184)
(...) Vai ser uma maniçoba de arrebentar tripa, que eu também aprendi com o Inácio. (LIMA, 2002, p. 185)

Conclusão

Analisando essas personagens a partir dos Estudos Culturais enfoca-se a diversidade dentro de cada uma delas, cujos corpos, existem marca da diversidade e sobre as diferentes culturas, sua multiplicidade e complexidade. Esses estudos também são orientados pela hipótese de que entre as diferentes culturas existem relações de poder e dominação que devem ser questionadas.

As análises feitas nos Estudos Culturais não pretendem nunca ser neutras ou imparciais. Na crítica que fazem das relações de poder numa situação cultural ou social determinada, os Estudos Culturais tomam claramente o partido dos grupos em desvantagem nessas relações. Os Estudos Culturais pretendem que suas análises funcionem como uma intervenção na vida política e social. (SILVA, 2002: 134).

Na obra, aqui arrolada, verifica-se a reterritorialização presente na vida da personagem Joca que sofre o deslocamento do Nordeste para a Amazônia na expectativa de ficar rico, melhorar de vida para, então, retornar, o mais rápido possível ao seu Ceará. É importante salientar que a Amazônia é local apenas de passagem, por isso os migrantes saem de suas terras acreditando que retornarão em breve. Eles deixam suas famílias, mulheres, amigos pensando reencontrá-los ao retornarem.

A Amazônia é local de novas relações identitárias – transitórias, fluidas – que se deixam interpenetrar pela pluralidade de diversos cruzamentos territoriais e culturais. Segundo Stuart Hall (2003), mesmo que se tenha forte relação com seu lugar de origem, ao ultrapassar fronteiras, as pessoas perdem diversos vínculos com seus lugares e suas tradições, obrigando-se a negociar com as culturas a que se agregam. Ao preservar traços fundamentais como linguagem e histórias particulares do passado, elas buscam também se proteger da assimilação unificadora e homogeneizante do seu novo “lugar”.

A selva é traduzida na obra em estudo com toda sua cor, ardor e totalização, porém a Amazônia é vista, também, como um lugar que pode moldar o percurso humano e



reformular suas concepções de mundo. Daí a construção de personagens híbridas, fronteiriças que oscilam entre o trabalho e a marginalidade em busca de sua autodefesa.

Os “estrangeiros” se confundem e/ou se misturam aos autóctones e lá introduzem os seus “dizeres” e os seus “fazer”. Joca mente e engana o Coronel Cipriano, rompendo as regras do seringal, ao caçar e plantar, em benefício próprio. O mesmo faz Inácio que bebe excessivamente, caça e pesca contra as ordens de Cipriano, afastando-se da escravização do trabalho com o corte de seringa. Porém, mesmo assim ele não perde o contato com sua gente e nem o conhecimento do local onde mora.

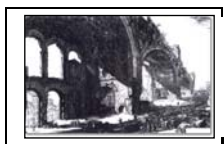
O homem na busca de satisfação de suas necessidades como alimentação, abrigo e segurança, territorializa-se ocupando uma extensão de terra e pratica a ação contrária, quando necessário, reterritorializa-se por esgotamento dos bens naturais, por novas necessidades, imposições ou inquietude própria da espécie humana.

O registro dos percursos desses personagens é relevante para que se explicitem as lutas pela sobrevivência, o enfrentamento das dificuldades em meios adversos, as condições e representações dos migrantes e os fatores que impulsionam os deslocamentos sucessivos. Os espaços recriados correspondem, não só, ao processo de fragmentação dos migrantes, mas também as diferentes posições ocupadas por eles nesse espaço.

O nordestino Joca e o caboclo Inácio tendem a se apoiar nos valores da terra natal, enquanto tentam se adequar ao novo ambiente. Joca precisa se adaptar a nova terra e Inácio precisa se readaptar as novas formas de trabalho e de sobrevivência no seringal. Aqui, rompe-se com a constituição de identidades fixas, uma vez que as personagens em foco são obrigadas a se reconstruírem em meio aos novos desafios.

Por fim, através desse estudo vê-se o quanto as velhas e estabilizadas identidades estão em declínio, fazendo surgir as novas identidades fragmentadas e não unificadas, vistas como parte de um processo mais amplo de mudança que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades. Confirma-se aqui o pensamento de Hall:

(...) à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (2004, p.13).



Como se trata de um tema vasto, não se almeja de modo algum a exaustividade, pois se sabe que sempre haverá lacunas ou algo que será tratado de forma superficial – por isso também o compromisso de continuar o debate em trabalhos posteriores, aprofundando algumas dessas temáticas.

Referência Bibliográfica

- BHABHA, Homi. K. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço, Gláucia Renate. 3ª reimpressão, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 3ªed, São Paulo: Ed. USP, 2000.
- CUNHA, Euclides. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *No tempo dos Seringais: A vida na floresta e nos centros urbanos*. 5ªed. São Paulo: Editora atual, 1997.
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução Guarcia Lopes Louro, Thomaz Tadeu da Silva. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. São Paulo: Humanitas, 2004.
- LARROSA, Jorge. *Para qué nos sirven los extranjeros?*, In: Educação e Sociedade: revista quadrimestral de ciência da educação. Dossiê; Diferenças. Nº 79. Ano XXIII. Agosto de 2002.
- LIMA, Cláudio de Araújo. *Coronel de Barranco*. 2ªed. Manaus, 2002.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Documentos de identidade – uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte, Autêntica, 2002.
- TOCANTINS, Leandro. *Amazônia - Natureza, Homem e Tempo: uma planificação ecológica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.